

# Questões filosóficas decorrentes das traduções das *Teses sobre Feuerbach*

SÍLVIO CÉSAR MORAL MARQUES\*

A publicação das obras de Marx sempre gerou controvérsias: por um lado as dificuldades advindas de sua caligrafia que alimentavam dúvidas quanto às palavras grafadas, por outro as ingerências em seus escritos com acréscimos e glosas realizadas, muitas vezes, para atender aos anseios ideológicos de seus editores e patrocinadores de suas ideias. Algumas tentativas foram realizadas para a edição das obras de Marx-Engels: a primeira se iniciou com Riazinov em 1927 e se encerrou em 1935 com 40 volumes previstos, dos quais somente 12 foram publicados (também conhecida por *Marx-Engels Gesamtausgabe* – ou MEGA 1); a seguir ocorrem as edições da *Marx-Engels Werke* editado na Alemanha Oriental; a partir dos anos 1970 inicia-se a edição de outra *Gesamtausgabe* (MEGA 2), agora com um aparato histórico-crítico e com previsão de publicação de 164 volumes. Em 1990 ocorre a mudança da editora Karl Dietz Verlag para a editora Akademie Verlag, com novos critérios editoriais. Seguindo as novas diretrizes, entre as quais a transcrição integral dos textos, a edição é reduzida para 114 volumes, dos quais 52 já se encontram publicados (40 pela Karl Dietz Verlag e 12 pela Akademie Verlag).

As *Teses sobre Feuerbach* foram escritas, ao que tudo indica, no mês de março de 1845 na cidade de Bruxelas num livro de notas (o primeiro de uma série de vinte cadernos que cobrem o período de 1844 a 1881), anotações estas que se referem a apontamentos pessoais, além de pequenos textos sobre Hegel, a

---

\* Professor Adjunto da Universidade Federal de São Carlos (UFSCA) – *campus* Sorocaba.

Revolução Francesa, Proudhon entre outros. O texto encontra-se entre as páginas 53 e 57 do primeiro caderno, e que foram, no dizer de Engels (1888) “[...] notas para desenvolvimento posterior, registradas rapidamente, em absoluto destinadas à impressão, mas de valor inestimável como o primeiro documento em que foi depositado o germe genial da nova concepção do mundo”. Este trabalho ficou inédito por mais de quatro décadas, somente vindo à luz em 1888 com alterações introduzidas por Engels para “ajudar/esclarecer” seu entendimento; vem daí também o título pelo qual ficou conhecido: *Teses sobre Feuerbach (Thesen über Feuerbach)* ao invés do título dado por Marx – *Ad Feuerbach*. O texto original, sem alterações, veio a público no ano de 1924 em uma tradução para o russo com fac-símile do manuscrito original. Talvez não seja descabido atribuir às teses o mesmo destino que Marx indicou para a obra *A ideologia alemã* (rejeitada para publicação por motivos alheios à vontade de seus autores e publicada somente em 1932): “deixamos voluntariamente o manuscrito à crítica roedora dos ratos, pois havíamos alcançado o nosso objetivo principal: a autocompreensão” (Marx, 1859).

A compreensão das próprias ideias refere-se, nas *Teses*, à superação das posições do materialismo e do hegelianismo a que Marx esteve, por vezes, ligado em sua juventude (Löwy, 2002, p.165), caminhando na direção da filosofia da práxis, com a qual irá romper com a tradicional separação entre teoria e prática adotada desde a antiguidade, e empreender uma severa crítica social e filosófica à sociedade. Neste sentido, apresentam diferentes níveis e elementos de interpretação, notadamente no que se refere aos aspectos epistemológicos, políticos e antropológicos (sobre estas questões ver: Bloch, 1959; Labica, 1987; Löwy, 2002; Bermudo, 1975; Nebreda, 2011, entre outros.)

O objetivo do presente estudo não é empreender uma análise/interpretação filosófica do texto – trabalho este já realizado em diferentes níveis e horizontes teóricos por inúmeros pensadores nos últimos cem anos –, mas antes apresentar as opções de possíveis traduções dos elementos desta obra, tentando explicar e explicitar os conceitos ali presentes que guiaram a tradução.

## 1) ad Feuerbach\*\*

### 1)

*Der Hauptmangel alles bisherigen Materialismus (den Feuerbach'schen mit eingerechnet) ist, daß der Gegenstand, die Wirklichkeit, Sinnlichkeit, nur unter der Form des Objekts od. der Anschauung gefaßt wird; nicht aber als sinnlich menschliche Thätigkeit, Praxis; nicht subjektiv. Daher die thätige Seite abstrakt im Gegensatz zu dem Materialismus vom dem Idealismus – der natürlich die*

\*\* Karl Marx Friedrich Engels Gesamtausgabe (MEGA), Band 3, IV. Exzerpte – Notizen – Marginalien. Notizbuch aus den Jahren 1844-1847. p.19-21. Berlin: Akademie Verlag, 1998. Esta edição teve a decifração da caligrafia de Marx estabelecida por Gelij Borisovič Kovgankin.

wirkliche, sinnliche Thätigkeit als solche nicht kennt – entwickelt. Feuerbach will sinnliche – von den Gedankenobjekten wirklich unterschiedne Objekte: aber er faßt die menschliche Thätigkeit selbst nicht als gegenständliche Thätigkeit. Er betrachtet daher im Wesen des Christenthums nur das theoretische Verhalten als das echt menschliche, während die Praxis nur in ihrer schmutzig-jüdischen Erscheinungsform gefaßt u. fixirt wird. Er begreift daher nicht die Bedeutung der „revolutionären“ der „praktisch-kritischen“ Thätigkeit.

2)

*Die Frage, ob dem menschlichen Denken – gegenständliche Wahrheit zukomme – ist keine Frage der Theorie, sondern eine praktische Frage. In der Praxis muß der Mensch die Wahrheit, i.e. die Wirklichkeit u. Macht, Diesseitigkeit seines Denkens beweisen. Der Streit über die Wirklichkeit od. Nichtwirklichkeit des Denkens – das von der Praxis isolirt ist, – ist eine rein scholastische Frage.*

### 1) Contra Feuerbach\*

1)

A principal deficiência de todo o materialismo precedente – incluído o de Feuerbach – é que concebe a coisa,<sup>2</sup> a efetividade,<sup>3</sup> a sensibilidade,<sup>4</sup> apenas na forma de objeto<sup>5</sup> ou de intuição,<sup>6</sup> e não como atividade humana sensível,<sup>7</sup> práxis,<sup>8</sup> não subjetiva.<sup>9</sup> Deste modo, em contraste com o materialismo, o aspecto ativo<sup>10</sup> do idealismo foi desenvolvido apenas de modo abstrato – pois este, naturalmente, não conhece o efetivo, a atividade sensível como tal. Feuerbach anseia por objetos sensíveis – efetivamente distintos dos objetos do pensamento<sup>11</sup> –, mas ele não concebe a própria atividade humana como atividade objetiva.<sup>12</sup> Por isso, em “A Essência do Cristianismo” ele considera a atitude teórica como a única genuinamente humana, enquanto a práxis é concebida, fixada e manifesta-se apenas na sua suja forma judaica.<sup>13</sup> Portanto, ele não concebe o significado<sup>14</sup> “revolucionário” da atividade “prático-crítica”.

2)

O problema se cabe<sup>15</sup> ao pensamento humano – uma verdade objetiva – não é um problema teórico, mas um problema prático.<sup>16</sup> É na práxis que o homem deve demonstrar a verdade, isto é, a efetividade e a força, a mundanidade<sup>17</sup> de seu pensamento. A disputa sobre a efetividade ou não do pensamento – quando isolada da práxis – é um problema puramente escolástico.

3)

*Die materialistische Lehre v. der Veränderung der Umstände u. der Erziehung vergißt, daß die Umstände v. den Menschen verändert u. der Erzieher selbst erzogen werden muß. Sie muß daher die Gesellschaft in zwei Theile – von denen der eine über ihr erhaben ist – sondieren.*

Das Zusammenfallen des Änderns der Umstände u. der menschlichen Thätigkeit od. Selbstveränderung kann nur als revolutionaire Praxis gefaßt u. rationell verstanden werden.

4)

*Feuerbach geht aus von dem Factum der religiösen Selbstentfremdung, der Verdopplung der Welt in eine religiöse u. eine weltliche aus. Seine Arbeit besteht darin die religiöse Welt in ihre weltliche Grundlage aufzulösen. Aber, daß die weltliche Grundlage sich von sich selbst abhebt u. sich ein selbstständiges Reich in den Wolken fixirt, ist nur aus der Selbstzerrissenheit u. Sichselbstwidersprechen dieser weltlichen Grundlage zu erklären. Diese selbst muß also in sich selbst sowohl in ihrem Widerspruch verstanden, als praktisch revolutioniert werden. Also nachdem z.B. die irdische Familie als das Geheimniß der heiligen Familie entdeckt ist, muß nun erstere selbst theoretisch u. praktisch vernichtet werden.*

5)

*Feuerbach, mit dem abstrakten Denken nicht zufrieden, will die Anschauung; aber er faßt die Sinnlichkeit nicht als praktische, menschlich sinnliche Tätigkeit.*

3)

A doutrina materialista sobre as alterações das circunstâncias e da educação esquece que as circunstâncias são transformadas pelos homens e que o próprio educador deve ser educado. Deve-se, portanto, dividir a sociedade em duas partes — uma das quais é colocada acima da outra.

A coincidência entre a mudança das circunstâncias e da atividade humana, ou a mudança de si, apenas pode ser racionalmente concebida e compreendida como práxis revolucionária.

4)

Feuerbach parte do fato da autoalienação religiosa, da duplicação do mundo em um religioso e outro terreno.<sup>18</sup> Seu trabalho consiste em solucionar<sup>19</sup> o mundo religioso no seu fundamento terreno. Somente pelo conflito interno e pelas contradições intrínsecas é que pode ser esclarecido o deslocamento deste fundamento terreno para um reino independente nas nuvens. Tal fundamento deve, portanto, ser entendido em sua contradição e revolucionado pela prática. Assim, por exemplo, uma vez que se descobre que a família terrena é o segredo da sagrada família, decorre que a primeira deve ser ela mesma<sup>20</sup> subvertida<sup>21</sup> teórica e praticamente.

5)

Feuerbach, não satisfeito com o pensamento abstrato, quer a contemplação; entretanto, não concebe a sensibilidade como prática, atividade humana sensível.

6)

*Feuerbach löst das religiöse Wesen in das menschliche Wesen auf. Aber das menschliche Wesen ist kein dem einzelnen Individuum inwohnendes Abstractum. In seiner Wirklichkeit ist es das ensemble der gesellschaftlichen Verhältnisse.*

Feuerbach, der auf die Kritik dieses wirklichen Wesens nicht eingeht, ist daher gezwungen:

- 1) *von dem geschichtlichen Verlauf zu abstrahieren u. das religiöse Gemüth für sich zu fixieren, u. ein abstrakt – isolirt – menschliches Individuum vorauszusetzen;*
- 2) *Das Wesen kann daher nur als „Gattung“, als innere, stumme, die vielen Individuen natürlich verbindende Allgemeinheit gefaßt werden.*

7)

*Feuerbach sieht daher nicht, daß das „religiöse Gemüth“ selbst ein gesellschaftliches Produkt ist und daß das abstrakte Individuum, das er analysiert, einer bestimmten Gesellschaftsform angehört.*

8)

*Alles gesellschaftliche Leben ist wesentlich praktisch. Alle Mysterien, welche die Theorie zum Mystizismus veranlassen, finden ihre rationelle Lösung in der menschlichen Praxis u. in dem Begreifen dieser Praxis.*

9)

*Das Höchste, wozu der anschauende Materialismus kommt, d.h. der Materialismus, der die Sinnlichkeit nicht als praktische Thätigkeit begreift, ist die Anschauung der einzelnen Individuen u. der bürgerlichen Gesellschaft.*

6)

Feuerbach resolve a essência religiosa na essência humana. Mas a essência humana não é uma abstração inerente a cada indivíduo. É, em sua efetividade, o conjunto das relações sociais.

Feuerbach, que não adentra à crítica dessa essência efetiva, é, conseqüentemente, forçado:

- 1) a abstrair o processo histórico e fixar o sentimento religioso<sup>22</sup> em si mesmo, e assumir um indivíduo humano abstrato, isolado;
- 2) por isso, a essência só pode ser percebida como “espécie”,<sup>23</sup> como uma universalidade interna, muda, que une de modo natural os diversos indivíduos.

7)

Feuerbach não vê, conseqüentemente, que o “sentimento religioso” é um produto social e que o indivíduo abstrato, por ele analisado, pertence a uma determinada forma de sociedade.

8)

Toda vida social é essencialmente prática. Todos os mistérios, que levam a teoria ao misticismo, encontram sua solução racional na práxis humana e na compreensão dessa práxis.

9)

O ponto mais alto alcançado pelo materialismo contemplativo, isto é, o materialismo que não concebe a sensibilidade como atividade prática, é a visão de sujeitos individuais e da sociedade civil.<sup>24</sup>

10)

*Der Standpunkt des alten Materialismus ist die bürgerliche Gesellschaft; der Standpunkt des neuen die menschliche Gesellschaft od. die gesellschaftliche Menschheit.*

11)

*Die Philosophen haben die Welt nur verschieden interpretiert; es kömmt drauf an sie zu verändern.*

Handwritten reproduction of the 11th thesis in German. The text is written in cursive and includes some corrections and underlines. The main text reads: "Die Philosophen haben die Welt nur verschieden interpretiert, es kömmt drauf an sie zu verändern." There are several lines of text above and below the main sentence, some of which are crossed out or corrected. A small "11)" is written at the top center.

Reprodução facsimilar da 11ª Tese.

10)

O ponto de vista do materialismo antigo é a sociedade civil; o ponto de vista do novo é a sociedade humana ou a humanidade social.

11)

Os filósofos têm apenas *interpretado* o mundo de diversas formas, trata-se agora de *transformá-lo*.<sup>25</sup>

*Tradução e notas: Sílvio César Moral Marques*

## Notas explicativas

- 1 (*Ad Feuerbach*) – a partícula latina *Ad* se apresenta como preposição acusativa (é empregada como “a”, “para”, “junto”, “até”, “contra”, “conforme”, “quanto a”, “com relação a”, e “além de”) ou como preverbio (neste caso indica “a aproximação”, e “a direção para”). Das possíveis traduções do termo, parece razoável aceitar que duas seriam as mais adequadas aqui: “com relação a” e “contra”. A primeira se aproximaria, mas não coincidiria, com o título apresentado por Engels, que no caso seria o “sobre” (a palavra alemã “*über*” tem como correlato no latim as palavras “*super*”, “*supera*”, “*de*”, “*per*”, “*supra*”, e “*trans*”) no sentido daquilo que diz respeito no caso, à filosofia de Feuerbach. Por sua vez, a segunda tradução, i.e., “contra”, indicaria uma intenção de oposição ao objeto, no caso ao pensamento feuerbachiano. Como exemplo da utilização da preposição “*ad*” no sentido de oposição a pensamentos e posturas políticas, pode-se apresentar um conjunto de dezessete cartas de Cícero intituladas “*Ad Brutum*”, cuja tradução adotada usualmente é “contra Brutus”; nesta mesma direção também recebe, por vezes, o nome de “contra Catilina” (*Ad Catilina(m)*) o conjunto de discursos proferido por Cícero acerca da conspiração arquitetada por Catilina (esta obra também recebe o nome de Catilinárias – *In Catilinam*). Desta forma, optou-se por traduzir “Ad Feuerbach” por “Contra Feuerbach”.
- 2 (*Gegenstand*) – numa tradução literal, seria aquilo que está “em frente”, “diante” do sujeito. *Gegen* é “em frente de; defronte de; à volta de”, ao passo que “stand” refere-se à posicionalidade; neste caso, o que está na frente do observador. O termo foi traduzido por “objeto” (Molitor, 1937; Pascal, 1939; Konder et al., 1963; Dutra, 1965; Cartelle, 1965; Giannotti, 1973; Badia et al., 1975; Bruni, 1986; Labica, 1987; Labica/Marques, 1990; Giannotti, 2000; e Castro e Costa, 2007), por “concreto” (Chasin, s.d.), e por “coisa” (Roces, 1972; Bermudo, 1975; Marx, 1975; Marx, 1976; Chagas, 1984; e Nebreda, 2011). Como indicam Labica (1987) e Nebreda (2011), na maioria das línguas neolatinas não há mais do que o termo “objeto” para traduzir os vocábulos alemães *Gegenstand* e *Objekt*. Entretanto, estes termos apresentam diferenças conceituais. Para Caygill (1997, p.242), “a coisa distingue-se da pessoa em função de sua passividade e falta de ação autônoma e livre, e essas são as características que determinam, de um modo geral, o caráter da coisa ou objeto na filosofia teórica. [...] Esses diferentes modos de coisidade podem ser identificados pelas diferentes palavras alemãs que Kant usa para eles – Ding, *Gegenstand*, *Objekt* – e os contextos em que se apresentam”. Por sua vez, Inwood (1999, p.240) sustenta que em Hegel a diferença se apresenta como: “*Objekt* difere de *Gegenstand* em três aspectos: (1) [...] um *Gegenstand* é essencial e imediatamente um objeto de conhecimento etc., ao passo que um *Objekt* é, pelo menos inicialmente, independente (Enc. I, par. 193). Um *Gegenstand* é um objeto intencional, enquanto que um *Objekt* é um objeto real. (2) Quando um *Objekt* é o objeto de alguma coisa, é usualmente o objeto de um *Subjekt*, enquanto que um *Gegenstand* é o objeto de conhecimento (*Wissen*), consciência, o Eu etc. [...]. (3) Uma forma de consciência e o seu objeto são, no entender de Hegel, interdependentes e têm uma riqueza e complexidade comparáveis. Assim, uma vez que *Objekt* é correlativo de *Subjekt* e (na Lógica) o sujeito envolve o conceito, o juízo

e a inferência, o *Objekt* deve ser um sistema complexo de objetos (como o sistema solar) relacionados pelas formas de inferência. Um *Gegenstand*, em contrapartida, pode ser o objeto de uma simples forma de consciência, como a certeza sensível, o que não é ainda um sujeito plenamente desenvolvido”. Por sua vez, o *Historisches Wörterbuch der Philosophie* sustenta que o “resultado deste desenvolvimento é a revogação total da diferença kantiana e a superação da relação sujeito-objeto na dialética de Hegel, na qual desaparecem as diferentes variações entre o momento ontológico e transcendental”. Parece ser nesta direção que Marx uso do termo *Gegenstand* em contraposição a *Objekt* nas *Teses contra Feuerbach*, como observou Labica (1990, p.43): “por *Gegenstand*, convém compreender a ou as coisas, o que é evidente, o dado singular, com a condição de especificar que se trata aí de uma acepção filosófica. Aquilo que, para a consciência comum aparece como irreduzível para o pensamento, dele não deixa, no entanto, de depender. Sem o que Marx teria escrito *Ding(e)*, como o fará em *A ideologia alemã*”. Assim, não parece adequado, dado o exposto, usar as traduções de *Gegenstand* por “objeto” ou “concreto”, mas sim por “coisa”, salientando sua acepção filosófica.

- 3 (*die Wirklichkeit*) – numa tradução literal *Wirklich* é o “real”, o “efetivo”, o “verdadeiro”. O termo foi traduzido por “**efetividade**” (Giannotti, 1973; Giannotti, 2000; e Chasin, s.d.), “**realidade**” (Molitor, 1937; Pascal, 1939; Konder et al.; 1963; Cartelle et al., 1965; Dutra et al., 1965; Roces, 1972; Badia et al., 1975; Bermudo, 1975; Marx, 1975; Marx, 1976; Chagas, 1984; Bruni et al., 1986; Castro e Costa, 2007; e Enderle et al., 2007), e por “**realidade efetiva**” (Labica, 1987). Dois termos em alemão podem ser traduzidos pelo vocábulo “realidade”: *Wirklichkeit* e *Realität*, os quais, segundo o *Historisches Wörterbuch der Philosophie*, apresentam diferenças específicas que não estão presentes nas línguas neolatinas, nem mesmo no inglês, mas que “regularmente levam a uma confusão na tradução” (Band. 12, p.829). Neste sentido, segundo Caygill, em Kant já se observaria esta distinção, pois “realidade [*Realität*] é a primeira das categorias de qualidade que corresponde à função afirmativa do juízo. A par das restantes categorias – negação e limitação –, gera os princípios que constituem as antecipações da percepção. Como categoria ou ‘conceito puro do entendimento’, a realidade é definida como ‘aquilo que corresponde a uma sensação em geral’ ou ‘aquilo cujo conceito indica em si próprio um ser (no tempo)’ (*Crítica da Razão Pura A 143/B 182*)”. E a efetividade (*Wirklichkeit*) é situada em “*termos da segunda categoria modal de existência/não existência*, a qual remeteria aos conceitos aristotélicos de energia (*ενεργεια*) e dynamis (*δυναμις*)”. Ainda segundo Caygill, duas características do conceito de efetividade foram importantes para a filosofia subsequente: “Em primeiro lugar, efetividade não significou simplesmente ‘realidade’ ou sensação, mas percepção de acordo com analogias de permanência, sucessão e coexistência. Em segundo lugar, era um princípio categórico e a condição para a análise categórica. Assim, em Fichte existem duas efetividades: uma é a atividade produtiva original do ‘eu’, enquanto a outra é o resultado do entendimento que distingue entre efetividade e possibilidade. Hegel supera essa distinção ao descrever a efetividade como sendo o absoluto e os seus momentos formalmente separados. Em *Ciência da Lógica*, ele apresenta uma análise fenomenológica do percurso da efetividade desde os seus



primórdios como atividade, passando por seus reflexos nas categorias de essência e aparência (a efetividade oposta à possibilidade como exterior ao interior) até chegar à ‘relação absoluta’ do absoluto e sua reflexão”. Assim, parece que a tradução mais adequada de *Wirklichkeit* é “efetividade” em vez de “realidade”, ou mesmo “realidade efetiva”. Seguindo esta linha de interpretação, será utilizado ao longo do texto a tradução de “efetivo” para *wirklich(e)*.

- 4 (*Sinnlichkeit*) – pode ser traduzido como “sensibilidade” ou “sensualidade”. *Sinnlich* é sensível, sensual; foi traduzido por “**sensível**” (Roces, 1972; Bermudo, 1975; Enderle et al., 2007; Nebreda, 2011; e Chasin, s.d.), “**sensibilidade**” (Giannotti, 1974; Bruni et al., 1986; Labica, 1987; Labica/Marques, 1990; e Giannotti, 2000), “**sensualidade**” (Marx, 1976), “**ato sensorial**” (Konder et al.; 1963), “**mundo sensível**” (Cartelle et al., 1965; Dutra et al., 1965; Badia et al., 1975; Chagas, 1984; e Castro e Costa, 2007), “**sensoriedade**” (Marx, 1975), “**materalidade**” (Molitor, 1937), “**o que se apreende por meio dos sentidos**” (Pascal, 1939). Segundo o *Historisches Wörterbuch der Philosophie*, os termos *Sinnlichkeit* e *sinnlich* foram se consolidando de modo restritivo na terminologia filosófica alemã como a percepção externa e as sensações que acompanham a dor e o prazer (Band. 9, p.892). Kant argumenta que “a capacidade de receber representações (receptividade), graças à maneira como somos afetados pelos objetos (*Gegenständen*), denomina-se *sensibilidade* (*Sinnlichkeit*). Por intermédio, pois, da sensibilidade são-nos *dados* objetos (*Gegenstände*) e só ela nos fornece *intuições* (*Anschauungen*); mas é o entendimento que pensa esses objetos e é dele que provêm os conceitos. Contudo, o pensamento tem sempre que se referir, finalmente, a intuições, quer diretamente, quer por rodeios [mediante certos caracteres] e, por conseguinte, no que respeita a nós, por via da sensibilidade, porque de outro modo nenhum objeto pode nos ser dado” (Crítica da Razão Pura, trad. Alexandre F. Morujão e Manuela P. dos Santos, p.61, A19/b33). Labica parece seguir o conceito kantiano de sensibilidade ao afirmar que “*Sinnlichkeit* é a sensibilidade, tomada nos dois sentidos de ‘mundo sensível’ e de apreensão desse mundo, distinto do entendimento”. Por sua vez, uma passagem em Feuerbach (1988, p.53) parece lançar luz sobre o conceito de sensibilidade: “O real na sua realidade efetiva, ou enquanto real, é o real enquanto objeto (*Objekt*) dos sentidos, é o sensível. Verdade, realidade e sensibilidade são idênticas. Só um ser sensível é um ser verdadeiro e efetivo. Apenas através dos sentidos é que um objeto (*Gegenstand*) é dado numa verdadeira aceção – e não mediante o pensar por si mesmo. O objeto (*Objekt*) dado ou idêntico com o pensar é apenas pensamento. [...] Característica da anterior filosofia abstrata é a questão: como é que seres, substâncias autônomas e distintas, podem agir uns sobre os outros, por exemplo, o corpo sobre a alma, o eu? Mas tal questão era para ela insolúvel, porque abstraía da sensibilidade; porque as substâncias, que deveriam agir umas sobre as outras, eram seres abstratos, puros seres do entendimento. O mistério da ação recíproca resolve-se apenas na sensibilidade. Só os seres sensíveis agem uns sobre os outros. Eu sou eu – para mim – e ao mesmo tempo tu – para outrem. Mas só o sou enquanto ser sensível. O entendimento abstrato, porém, isola este ser-para-si como substância, átomo, eu, Deus – por conseguinte, só pode conectar arbitrariamente o ser para outro; com efeito, a necessidade de tal conexão é apenas a sensibilidade,

da qual, porém, ele abstrai. O que eu penso sem a sensibilidade penso-o sem e fora de toda a conexão. Como posso, então, pensar ao mesmo tempo o inconexo como algo de conexo?”. Sobre esta questão ver também Labica (1990, p.54-64), e Nebreda (2011, p.31-45). Desta forma, será utilizado como tradução para *Sinnliche* o termo “sensível”, e para *Sinnlichkeit* o termo “sensibilidade”.

- 5 (*Objekts*) – na leitura aqui apresentada sempre será traduzido por “objeto”. Ocorre que, como já exposto na nota 2, há questões sutis por trás deste conceito. Parece razoável aceitar a definição feita por Caygill (1997, p.243) de como Kant assume os conceitos de *Objekt* em contraposição à *Gegenstand* e *Ding*: “As várias explicações de Kant do objeto podem, correndo o risco de subestimar suas diferenças internas, ser organizado em termos de uma descrição coerente do objeto. Um *Objket* específico do conhecimento cognoscível através de conceitos do entendimento necessita de um objeto da experiência ou *Gegenstand*. A existência de tais objetos, por sua vez, requer que exista algo em vez de nada; este último algo ou *coisidade* – *Ding* – é incognoscível, mas discutido em termos metafísicos *Ding an sich* ou substância. [...] Como ele observou na Metafísica dos Costumes, ‘os professores de ontologia’ principiam com conceitos de ‘algo e nada’ mas esquecem que essa distinção já constitui uma divisão do conceito de ‘objeto em geral’. Assim, ele começa com o objeto em geral ou *Ding*, o qual é dividido em ‘algo’ e ‘nada’ por afirmação e negação transcendentais. Depois *Ding* é ainda especificado como um objeto da experiência – *Gegenstand* – e, finalmente, como um objeto para o conhecimento – *Objekt* –, produzindo assim uma versão criticamente revista da ontologia tradicional”. Por sua vez, Nebreda sustenta “que, por exemplo, em Hegel, *Gegenstand* e *Objekt* são de certo modo intercambiáveis, em Marx, por sua vez, se opõem. *Objekt* é usado para se referir ao âmbito do pensamento de Feuerbach e frente a esse âmbito põe Marx o *gegenständlich*, o objetivo, ou seja, aquela ordem das coisas (*Ding*) e da práxis que é contrária e alheia a *Anschauung*”.
- 6 (*Anschauung*) – numa tradução literal, seria “visão”, “intuição”, “concepção”, ou “contemplação”. O termo foi traduzido por “**intuição**” (Molitor, 1937; Cartelle et al., 1965; Dutra et al., 1965; Giannotti, 1974; Badia et al., 1975; Bruni et al., 1986; Labica, 1987; Labica/Marques, 1990; Giannotti, 2000; Castro e Costa, 2007; e Chassin, s.d.), “**contemplação**” (Pascal, 1939; Roces, 1972; Bermudo, 1975; Marx, 1975; Marx, 1976; Chagas, 1984; Enderle et al., 2007; e Nebreda, 2011), e “**percepção**” (Konder et al.; 1963). O *Historisches Wörterbuch der Philosophie* sustenta no verbete “Intuitio” que a origem do termo o remeteria à concepção epicurista de *Ἐπιβολή* a qual se refere à captura imediata de todo objeto de conhecimento. Já Ferrater Mora sustenta que “o vocábulo ‘intuição’ geralmente designa a visão direta e imediata de uma realidade ou a compreensão direta e imediata de uma verdade. [...] foi comum, por isso, contrapor o pensar intuitivo, νόησις, ao pensar discursivo, διάνοια”. Por sua vez, Caygill explicando o conceito de “intuição” em Kant argumenta que “a maioria dos elementos da doutrina kantiana da intuição está presente no § 10 da *Dissertatio*. Ele começa por afirmar que ‘não existe (para o homem) intuição do que pertence ao entendimento [...] pensar só é possível para nós por meio de conceitos universais em abstrato, não por meio de um conceito singular em concreto’ (*Intellectualium non*

*datur (homini) intuitus, sed non nisi cognitio symbolica, et intellectio nobis tantum licet per conceptus universales in abstracto, non per singularem in concreto*). Neste ponto, ele subscreve a distinção ortodoxa entre conhecimento imediato e o conhecimento mediato do entendimento. O entendimento humano só pode funcionar discursivamente por meio de conceitos gerais, mas para Kant isso não exclui a possibilidade de outros entendimentos e intuições constituídos de modo diferente. No § 10, considera a intuição intelectual e divina, as quais reaparecem na Crítica da Razão Pura (CRP). A intuição intelectual consiste num conhecimento intelectual e direto das coisas em si, e não como aparência no espaço e no tempo (CRP B 307), ao passo que a intuição divina é produtiva, na medida em que produz os objetos que pensa, em vez de ser passivamente afetada por objetos dados à maneira da intuição humana”. Por sua vez, o termo “contemplação” também apresenta o sentido de ver, visão, seu uso na filosofia foi normalmente associado, segundo Ferrater Mora, a *θεωρία* (teoria) que “é um composto de dois temas que indicam igualmente a ação de ver: *θέα* e *Ῥοπή* (ὀράω). A raiz ‘*Ῥοπή*’ designa a ação de ‘prestar atenção a’, ‘cuidar de’, ‘vigiar’ e, por conseguinte, ‘observar’ [...]. [...] Na antiguidade deram-se várias interpretações a *θεωρία*. Plutarco e outros relacionaram (de maneira equivocada) *θεωρία* com *θεός* (Deus). Os latinos relacionaram *θεωρία* com *contemplatio*, dando a *contemplor* um sentido religioso (relativo a *templum*), como se observa no *Somnium Scipionis*, 15-17. De acordo com isso, a *θεωρία* ou *contemplatio* designa o fato de estar em comunidade no *templum* e, portanto, o fato da visão em comum de algo que se acha em seu âmbito”. Considerando que Marx fará uma distinção entre a vida reflexiva e a vida ativa, prática, há, por vezes, um desejo de associar *Anschaung* com a “vida contemplativa”, o que não é, de fato, falso no desenrolar do texto. Observe-se que na 8ª Tese, Marx explicitamente utiliza o termo teoria no sentido mesmo de contemplação, como exposto por Platão na República: “– É preciso considerar o seguinte ponto, se queres distinguir a natureza filósofa da que não é. – Qual? – Adverte que ela não possui nenhuma baixaza de sentimentos: pois a mesquinhez de espírito é quicá o que mais repugna a uma alma que deve tender incessantemente a abraçar, no seu conjunto e na sua totalidade, as coisas divinas e as humanas. – Nada Mais Verdadeiro – Mas acreditas que um homem dotado de elevação de pensamento e a quem é dado contemplar (*θεωρία*) todos os tempos e todos os gêneros, possa encarar a vida humana como algo de grande? – É impossível” (Platão, 1965, p.60). Ainda nesta tradição, no *Teeteto* Platão considera Tales de Mileto como o próprio símbolo da “vida teórica”, a qual será exortada por toda tradição filosófica e depois criticada por Marx: “Sócrates – [...] de conversas como estas e semelhantes [que se referem às pequenas coisas e às mesquinhas da vida cotidiana] – o filósofo não sabe nada mais do que aquele que sabia, como se diz, quantos copos de água há no mar. E nem sequer sabe que ignora tudo isso; pois ele se mantém longe de ter fama de homem singular. E a verdade é que só pelo seu corpo ele está presente na cidade, mas não pela sua alma, a qual, considerando todas essas coisas como pouco e até mesmo nada, e desprezando-as profundamente, voa, como diz Píndaro, por toda parte, e ora desce ao mais profundo da terra, ora mede a sua superfície, ora sobe ao céu para estudar estrelas, e investiga em todos os pontos a natureza dos seres, cada um na sua universalidade, sem jamais

se abaixar a nada de particular entre os objetos que lhe são próximos. Teodoro – Que queres dizer com isso, Sócrates? Sócrates – Aquilo mesmo, Teodoro, que se conta de Tales, o qual enquanto estava estudando as estrelas e tinha os olhos voltados para o alto, caiu num poço; e então uma sua serva da Trácia, faceira e graciosa, zombou dele dizendo que se empenhava grandemente em conhecer as coisas do céu, mas não via as que tinha diante de si e sob os pés. Esse mote pode muito bem ser aplicado a todos os que professam a filosofia. Porque o filósofo, na verdade, não só não se preocupa com o que está perto, nem com o que faz o seu vizinho, e ignora até mesmo se é um homem ou um animal; mas se se trata de saber o que é o homem, e o que convêm à natureza do homem, à diferença de todos os outros animais, fazer ou padecer, ele empenha nisso todo o seu estudo” (Reale, 1993, p.401). As traduções por “contemplação” e “intuição” são adequadas; entretanto, aqui parece que Marx se refere principalmente à percepção imediata dos objetos, e por esta razão que se optou nesta passagem pela tradução por “intuição”. Por sua vez, na da 5ª Tese, o termo “*Anschauung*” foi traduzido por “contemplação”; assim como na 9ª Tese o termo “*anschauende*” por “contemplativo” e o termo “*Anschauung*”, por uma questão estilística, por “visão”.

- 7 (*sinnlich menschliche Tätigkeit*) – foi traduzida por “**atividade sensivelmente humana**” (Labica, 1990), “**atividade humana sensível**” (Molitor, 1937; Giannotti, 1974; Marx, 1976; Chagas, 1984; Bruni et al., 1986; Giannotti, 2000; Castro e Costa, 2007; Enderle et al., 2007; e Chasin, s.d.), “**atividade humana sensorial**” (Pascal, 1939; Roces, 1972; e Bermudo, 1975), “**atividade humana concreta**” (Dutra et al., 1965; Cartelle et al., 1965; e Badia et al., 1975), e por “**atividade sensorial humana**” (Konder et al.; 1963; Marx, 1975; e Nebreda, 2011). As traduções por sensorial e concreta parecem inadequadas, pois não seguiriam a correlação *Sinnlichkeit / sinnlich*, i.e., não haveria um paralelo entre as traduções dos dois termos, além do que já fora exposto na nota 4 (apesar de que em Nebreda há a correlação, na qual ele sempre traduz “*sinnlich*” por sensorial e “*Sinnlichkeit*” por sensoriedade). O termo alemão “*Tätigkeit*” tem sua raiz em “*Tat*”, o qual é a tradução do grego “*ἐνέργεια*” (enérgeia), que, segundo Reale, significa ato/ação, e ao se afiliar a Aristóteles assume a condição de “ser na sua não potencialidade, vale dizer, na sua *realização*, no seu ser acabado” (Reale, 1993, p.88). Na mesma linha, Abbagnano sustenta que “esse termo tem dois sentidos correspondentes aos dois significados da palavra ação. De um lado, com efeito, ele vem empregado para indicar um complexo mais ou menos homogêneo de ações voluntárias [...]. De outro, é usado para indicar o modo de ser daquilo que age ou tem em seu poder a ação [...]. O contrário de atividade nesse segundo sentido é ‘passividade’, ao passo que o contrário de atividade no primeiro sentido é ‘inércia’ ou ‘inação’”. Parece que, para Marx, é a atividade humana sensível que realiza (no sentido de ato) as coisas (*Gegenstand*), a efetividade, a sensibilidade. Assim, optou-se pela tradução “atividade humana sensível”.
- 8 (*praxis [πράξις]*) – foi traduzido por “**prática**” (Molitor, 1937; Pascal, 1939; Konder et al.; 1963; Dutra et al., 1965; Cartelle et al., 1965; Roces, 1972; Badia et al., 1975; Bermudo, 1975; Marx, 1975; Marx, 1976; Labica/Marques, 1990; Enderle et al., 2007;

e Nebreda, 2011) e “**práxis**” (Giannotti, 1974; Chagas, 1984; Bruni et al., 1986; Giannotti, 2000; Castro e Costa, 2007; e Chasin, s.d.). Segundo Reale (1993, p.211), “para Aristóteles, é a ação que parte e volta ao sujeito, ou seja, a ação moral, que, como tal, distingue-se da *poiesis* ou da produção, ação que produz algo fora do sujeito (de onde a distinção entre ciências práticas e ciências poiéticas). Em sentido genérico, práxis indica o agir e o fazer dos homens, como atitudes distintas da contemplação (*θεωρία*). A inferioridade da práxis com relação à contemplação é tematizada em quase todos os filósofos gregos”. Levando-se em consideração o exposto, a tradução do termo por prática(o), embora correta, deixa de abarcar um sentido ontológico presente no termo na contraposição entre *θεωρία* e *πράξις*, daí a opção pela tradução do termo por *práxis*.

- 9 (*nicht subjektiv*) – trata-se de uma das passagens mais complicadas de tradução: “**não de um ponto de vista subjetivo**” (Giannotti, 1974; e Giannotti, 2000), “**não subjetivamente**” (Pascal, 1939; Cartelle et al., 1965; Marx, 1976; Chagas, 1984; Bruni et al., 1986; e Enderle et al., 2007), “**de maneira não subjetiva**” (Castro e Costa, 2007), “**não (como forma) subjetiva**” (Chasin, s.d.), “**e não de maneira (modo) subjetiva**” (Konder et al., 1963; Dutra et al., 1965; Badia et al., 1975; Marx, 1975; Bermudo, 1975; Labica, 1987; e Labica/Marques, 1990). Molitor (1937) suprimiu a passagem. Como aponta Labica, “o ‘*nicht subjektiv*’, finalmente, merece um lugar à parte [...] muito já se escreveu a seu respeito, pois é passível de receber, pelo menos a princípio, todas as noções veiculadas pela noção de sujeito”. Estas diferentes traduções indicam uma opção por determinada vertente interpretativa; aqui se preferiu seguir a própria estrutura e ideia do texto: uma obra que não fora preparada para a publicação, e, portanto, muitas vezes econômica em suas expressões. Daí a opção de tradução por “não subjetiva”.
- 10 (*tätige Seite*) – como indicado por Labica (1987, p.41), este termo fará ao longo do texto “a dupla Tätigkeit/tätige: T. 3, 5, 9”. Assim, parece razoável que o termo ativo (*tätige*) seja a melhor tradução, ao invés de atuante ou mesmo operativo, por preservar a relação com o termo atividade (*Tätigkeit*).
- 11 (*Gedankenobjekten*) – foi traduzido por “**objetos do pensamento**” (Pascal, 1939; Konder et al., 1963; Cartelle et al., 1965; Dutra et al., 1965; Giannotti, 1973; Badia et al., 1975; Chagas, 1984; Bruni et al., 1986; Giannotti, 2000; Castro e Costa, 2007; e Enderle et al., 2007), “**objetos conceituais**” (Roces, 1972; Marx, 1975; Bermudo, 1975; Marx, 1976; e Nebreda, 2011), “**objetos pensados**” (Labica/Marques, 1990); e “**objetos ideais**” (Molitor, 1937). O termo alemão “*Gedanke*” pode ser traduzido por pensamento ou ideia. A tradução por “conceitual” parece assumir e trazer para si todo o problema relacionado com o termo “ideia”, além do fato de, na língua alemã utilizar-se, normalmente, o termo *Begriff* para conceito. Já pensamento tem sua raiz em *Denken*, ou seja o pensar, daí que Gedanken seja pensamento. Ocorre que “pensados” e do “pensamento” apresentam conceitos diferentes: o primeiro parece assumir a definição apresentada por Abbagnano quando afirma que “o significado mais vasto do termo pelo qual se entende por ele qualquer atividade espiritual ou conjunto destas atividades”, conceito este que foi introduzido por Descartes. Já o segundo parece

assumir a “característica própria do conceito de pensamento como intuição é a sua identidade com o objeto [...] é neste sentido a atividade própria do intelecto intuitivo: isto é daquele intelecto que é visão direta do inteligível [...]”. Optou-se, pois, por traduzir o termo por “*objetos do pensamento*”.

- 12 (*gegenständliche Tätigkeit*) – nesta ocorrência, todas as traduções coincidem: “atividade objetiva”. Como aponta Inwood (1997, p.240): “*Gegenstand* dá origem a *gegenständiglich* (‘objetivo’) e a *Gegenständlichkeit* (‘objetividade’). Mas Hegel, como em Kant, prefere usualmente os derivativos de *Objekt*: *objectiv* (‘objetivo’), *Objektivität* (‘objetividade’) e, ocasionalmente, *objektivieren* (‘converter num objeto, objetivar’) e *Objektivierung* (‘objetivação’)”. Como a discussão apresentada na nota 2, a tradução de *gegenständiglich*, embora tenha se consolidado como “objetivo”, deve levar em consideração as diferenças e nuances entre *Ding*, *Gegenstand* e *Objekt*, para não perder uma conotação teórica e ontológica que, por vezes, não fica explícita na tradução.
- 13 (*schmutzig-jüdischen*) – foi traduzido (com variações) por “**judaica sórdida**” (Cartelle et al., 1965; Dutra et al., 1965; Badia et al., 1975; e Castro e Costa, 2007), “**sordidamente judaica**” (Chagas, 1984); “**fenomênica, judia e suja**” (Molitor, 1937; Giannotti, 1973; Giannotti, 2000; e Chasin, s.d.), “**judaica, suja**” (Enderle, et. al., 2007); “**suja forma judia de manifestar-se**” (Pascal, 1939; Roces, 1972; Bermudo, 1975; Marx, 1975; Marx, 1976; Nebreda, 2011); e “**judia grosseira**” (Konder et al.; 1963). Apesar das óbvias diferenças entre as traduções, importa aqui esclarecer o termo *schmutzig-jüdischen*, o qual, muitas vezes, não fica claro sem uma adequada contextualização. Bernard Marshall (1990, p.416) sustenta que se referiria ao “[...] conflito entre deuses do Velho e do Novo Testamento, entre o Deus da Palavra e o Deus da Ação, desempenhou um importante papel simbólico em toda a cultura germânica do século XIX. Esse conflito, articulado entre escritores e pensadores alemães, de Goethe e Schiller a Rilke e Brecht, foi na verdade um velado debate sobre a modernização da Alemanha. Deveria a sociedade germânica lançar-se à atividade ‘judaica’ material e prática, isto é, à construção e ao desenvolvimento econômico, associados à reforma política liberal, à maneira da Inglaterra, da França e da América? Ou, por outra, deveria manter-se à margem dessas tendências ‘mundiais’ e cultivar um estilo de vida ‘germano-cristão’, autocêntrico? O pró-semitismo e o antissemitismo germânicos devem ser vistos à luz desse simbolismo, que vinculou a comunidade judaica oitocentista ao Deus do Velho Testamento e equacionou ambos com formas modernas de ativismo e universalidade. Marx, em sua primeira tese sobre Feuerbach (1845), assinala pontos de afinidade entre o humanismo radical de Feuerbach e seus reacionários oponentes ‘germano-cristãos’: ambos os partidos ‘acatam [...] somente a atitude teórica como a verdadeira atitude humana, enquanto a prática é compreendida apenas em termos da sua imunda forma judia’ – isto é, a forma do Deus judaico que suja as próprias mãos para fazer o mundo. Jerrold Seigel, em *O Destino de Marx* (1978, p.112-19), oferece uma fina discussão do encontro entre judaísmo e vida prática no pensamento de Marx. O que se deve fazer agora é explorar esse simbolismo no contexto mais largo da moderna história germânica”. Por sua vez, Labica (1990, p.48) sugere uma interpretação diferente

da passagem ao afirmar que Feuerbach foi “incapaz de habilitar, ou de reabilitar, a prática da qual se tinha aproximado tanto, ele a anula em proveito da ‘atitude teórica’ considerada como única ‘verdadeiramente humana’. Pior, este materialismo só vê na prática sua ‘manifestação sordidamente judaica’. Levado por suas especulações teológicas e pelo peso das ideias recebidas de sua época, Feuerbach beira a caricatura, ao assimilar prática, egoísmo e utilitarismo, cujo modelo mais acabado encontra entre os judeus”. Por fim, Nebreda sustenta, como já indicado por Labica, que Marx se referiria a esta passagem da *Essência do Cristianismo* de Feuerbach: “A visão prática é uma visão suja, manchada pelo egoísmo, porque nela me relaciono com as coisas só por amor próprio, uma visão não satisfeita de si mesmo, porque ela me relaciona com um objeto que não é de minha linhagem. A visão teórica, pelo contrário, é uma visão plena de alegria, feliz, satisfeita em si mesma, pois para ela é o objeto um objeto de amor e admiração, irradia maravilhosamente a luz da livre inteligência como um diamante, transparente como um cristal de rocha; a visão teórica é visão estética, a visão prática é, pelo contrário, inestética. Para ela o mundo por si mesmo é nada, a admiração, a visão do mesmo é idolatria, pois o mundo é para ela mero artifício (Nota de Feuerbach: ‘Os olhos amam as formas belas e variadas, as cores brilhantes e agradáveis. Mas estas coisas não devem encadear minha alma; só encadeiam a Deus que as criou. Certamente são boas porque ele as criou; mas unicamente ele é meu bem, e não estas coisas’. Agostinho, Confess. X, C. 34. ‘A Escritura, em 2 Cor 4, 18, nos proíbe de fixar nosso olhar no visível. Deve-se amar só a Deus e desprezar o mundo inteiro, isto é, todo o sensível, e só utilizá-lo para as necessidades desta vida’: Agostinho, *De moribus eccl. cathol. L. C., C. 20*)”.

- 14 (*die Bedeutung der*) – foi traduzido por “**a importância de**” (Konder et al.; 1963; Dutra et al., 1965; Cartelle et al., 1965; Roces, 1972; Badia et al., 1975; Bermudo, 1975; Marx, 1975; Bruni et al., 1986; Castro e Costa, 2007; Nebreda, 2011 e Chasin, s.d.) e “**o significado de**” (Molitor, 1937; Pascal, 1939; Giannotti, 1974; Marx, 1976; Chagas, 1984; Giannotti, 2000; e Enderle et al., 2007). Observe-se que há uma diferença notável entre os termos “importância” e “significado”, no qual o primeiro indica um juízo de valor; ao passo que o segundo, seria uma consideração, uma compreensão não necessariamente valorativa. Em alemão, *Bedeutung* pode ser traduzido tanto por importância quanto por significado. Neste caso, a tradução deve retornar ao próprio texto para iluminar o sentido: na frase anterior, Marx indica que Feuerbach contrapõe as atitudes teóricas e práticas, indicando a primeira como “única genuinamente humana”, e a segunda como “suja”. Assim, Marx parece indicar que Feuerbach desconhece, no sentido mesmo de ignorar, o alcance e a implicação das atividades prático-críticas; daí a opção pela tradução de “*die Bedeutung der*” por “o significado de”.
- 15 (*zukomme*) – foi traduzido por “**convém**” (Giannotti, 2000), “**cabe**” (Giannotti, 1974; Bruni et al., 1986; e Enderle et al., 2007), “**alcança**” (Chasin, s.d.), “**conhece**” (Badia et al., 1975), “**pertence**” (Chagas, 1984), “**atribuir**” (Pascal, 1939; Roces, 1972; Bermudo, 1975; Marx, 1975; Marx, 1976; e Castro e Costa, 2007), “**conceder**” (Labica, 1990), “**corresponde**” (Konder et al.; 1963), e “**saber**” (Molitor, 1937; Dutra et al.,

1965, e Cartelle et al., 1965). O termo *Zukommen* exprime a noção “vir para”, “vir ao encontro de”, “competir com”, “caber a alguém”, e “pertencer a alguém”. As traduções de por “alcança”, “conhece”, “atribuem”, “concedem” “sabe” e “convém” não parecem adequadas por se afastarem dos conceitos que o termo *Zukommen* exprime. Assim, as opções entre “pertence ao pensamento humano” e “cabe ao pensamento humano” parecem adequadas e suas distinções ocorrem mais pela ênfase, do que pelo conceito. Desta forma, aqui se optou por “cabe”.

- 16 (*praktische*) – o termo *Praktische* e suas variantes serão traduzidos por prático/a.
- 17 (*Diesseitigkeit*) – foi traduzido por “**citerioridade**” (Giannotti, 1973; e Chasin, s.d.), “**caráter terreal**” (Giannotti, 2000), “**terrenalidade**” (Roces, 1972; Marx, 1975; Bermudo, 1975; Castro e Costa, 2007; e Nebreda, 2011) “**no mundo e no nosso tempo**” (Cartelle et al., 1965; Badia et al., 1975), “**a natureza citerior**” (Enderle et al., 2007), “**o caráter terreno**” (Konder et al.; 1963; Chagas, 1984; Bruni et al., 1986; Labica, 1987; e Labica/Marques, 1990), “**independente**” (Dutra et al., 1965); “**materialidade**” (Molitor, 1937), “**mundanismo**” (Marx, 1976), e “**unilateralidade**” (Pascal, 1939). A tradução por “citerioridade”, como indica Chasin, significa “que está do lado de cá”, que neste caso é o mundo, e não o pensamento, o qual é uma abstração; entretanto, o termo citerioridade é muito empregado numa conotação religiosa, o que não parece ser o caso. Neste sentido, o vocábulo se caracteriza pela indicação de condições de existência, de historicidade. Desta forma, optou-se por traduzir o termo por “mundanidade”, no sentido das coisas que tem relação com o mundo, *i.e.*, que não são espirituais, mas que se encontram “do lado de cá”, tanto como opostas ao espiritual quanto ao abstrato. Neste sentido, Sérgio da Mata em um artigo sobre Ernst Troeltsch explica que o termo “*Diesseitigkeit*, que podemos entender como um reforço e uma preeminência da esfera da imanência. Seus fins são destacadamente ‘terrenos’. Tudo o que se situa além dessa esfera não lhe diz respeito”.
- 18 (*weltliche Welt*) – foi traduzido por “**mundo terreno**” (Giannotti, 1973; Chasin, s.d.), “**mundo mundano**” (Labica, 1990; Enderle et al., 2007; Giannotti, 2000; e Chagas, 1984), “**mundo temporal**” (Cartelle et al., 1965; Badia et al., 1975), “**mundo terrenal**” (Roces, 1972; Nebreda, 2011), “**mundo profano**” (Molitor, 1937; e Castro e Costa, 2007); e “**outro secular**” (Pascal, 1939; e Marx, 1976). As traduções por “mundo real” e “outro real” (Konder et al.; 1963; Dutra et al., 1965; Marx, 1975; Bermudo, 1975; e Bruni et al., 1986) estão mais de acordo com a edição de 1888, na qual Engels alterou a frase de “*weltliche Welt*” para “*wirkliche Welt*”. Como indica o próprio Engels, o que se estaria diferenciando seria entre um mundo religioso “imaginado e um mundo efetivo (real)” (*vorgestellte und eine wirkliche Welt*). Embora todas as traduções apresentadas pareçam adequadas, preferiu-se a tradução por “terreno” por se acreditar que mantenha um sentido mais fiel àquele expresso por Marx.
- 19 (*aufzulösen*) – foi traduzido por “**resolver**” (Molitor, 1937; Pascal, 1939; Cartelle et al., 1965; Giannotti, 1973; Badia et al., 1975; Marx, 1976; Chagas, 1984; e Giannotti, 2000), “**dissolver**” (Bermudo, 1975; Marx, 1975; Bruni et al., 1986; Enderle et al., 2007; e Chasin, s.d.), “**reconduzir**” (Labica, 1990), “**reduzir**” (Roces, 1972; Castro e



Costa, 2007; Nebreda, 2011), “**decompor**” (Konder et al.; 1963); e “**explicar**” (Dutra et al., 1965). A palavra é formada por três elementos: a) preposição “*auf*” que designaria “a”, “de”, “sobre”, “por”, “em cima de”, “até”, ou “durante”; b) preposição “*zu*” que designaria “a”, “para”, “por” “até”; e c) o verbo “*lösen*” que significa “desatar”, “separar”, desprender”, “resolver”, “anular”, “rescindir”, “solucionar”, “dissolver”, “romper”, entre outras acepções. A oração indica que seria “em cima do” (*auf*) fundamento mundano que se solucionaria o mundo religioso. É desta consideração que o termo “*aufzulösen*” foi traduzido por “solucionar”.

- 20 Esta frase apresenta diferentes traduções, com significados diversos: “[...] *il faut que la première soit elle-même anéantie em théorie et em pratique*” (Molitor, 1937); “[...] *one must proceed to destroy the former both in theory and in practice*” (Pascal, 1939); “[...] é preciso criticar teoricamente aquela e transformá-la praticamente” (Konder et al.; 1963); “[...] é a primeira que se faz necessário criticar teoricamente e revolucionar na prática” (Dutra et al., 1965); “[...] *c’est la première qu’il faut anéantir sur le plan de la théorie et de la pratique*” (Cartelle et al., 1965; e Badia et al., 1975); “[...] *hay que aniquilar teórica y prácticamente la primera*” (Roces, 1972); “[...] cabe aniquilar a primeira teórica e praticamente” (Giannotti, 1974); “[...] *hay que criticar teoricamente y revolucionar prácticamente aquella*” (Bermudo, 1975); “[...] *hay que criticar teóricamente y revolucionar prácticamente aquella*” (Marx, 1975); “[...] *the former must then itself be destroyed in theory and in practice*” (Marx, 1976); “[...] é aquela mesma que então tem de ser teoricamente e praticamente aniquilada” (Chagas, 1984); “[...] é a primeira que deve ser criticada na teoria e revolucionada na prática” (Bruni et al., 1986); “[...] é daqui em diante ela mesma a primeira que se deve destruir teórica e praticamente” (Labica/Marques, 1990); “[...] é a primeira que deve ser teórica e praticamente negada” (Giannotti, 2000); “[...] é a primeira que tem, então, de ser teórica e praticamente eliminada” (Enderle et al., 2007); “*hay que aniquilar teórica y prácticamente la primera*” (Nebreda, 2011). “[...] é a primeira que deve ser teórica e praticamente aniquilada” (Chasin, s.d.). Um dos termos que geram divergências nas traduções é “*selbst*” que significa: a) como advérbio “por si”, “inclusive”, “até”, “pessoalmente”; e b) como pronome “mesmo”, “a mim mesmo”, “por si mesmo” e “próprio”. Na frase, o termo aparece como um pronome; ao passo que “*erstere*” indica o posicional (o primeiro, *i.e.*, a família terrena). Desta forma, a tradução proposta é: “Assim, por exemplo, uma vez que se descobre que a família terrena é o segredo da sagrada família, decorre que a primeira deve ser ela mesma subvertida teórica e praticamente”.
- 21 (*vernichtet*) – foi traduzida por “**eliminada**” (Enderle et al., 2007), “**aniquilar**(da)” (Roces, 1972; Giannotti, 1974; Chagas, 1984; e Nebreda, 2011), “**negada**” (Giannotti, 2000); e “**destruir**” (Molitor, 1937; Pascal, 1939; Cartelle et al., 1965; Badia et al., 1975; Marx, 1976; Labica, 1987; Labica/Marques, 1990). Por sua vez, a tradução por “**criticar**” (Konder et al.; 1963; Dutra et al., 1965; Marx, 1975; Bermudo, 1975; e Bruni et al., 1986) refere-se à palavra *umgewälzt* (introduzido por Engels na edição de 1888 em substituição da palavra *vernichtet*). Segundo o *Deutsches Wörterbuch von Jacob Grimm und Wilhelm Grimm*, o termo significa, num sentido estrito, destruir

uma coisa para que nada permaneça do mesmo modo; já num sentido amplo, significa remover todas as conexões entre as partes de uma coisa para que esta se torne algo completamente diferente. Seria neste segundo sentido que Marx utilizaria o termo, *i.e.*, assume “uma dinâmica que traz à tona as contradições” que produzem a sua transformação (*Historisches Wörterbuch der Philosophie*, Band 11, p.745). Assim, decidiu-se pela tradução de “*vernichtet*” por “subverter” (por pressupor transformação), em vez de “destruir” (que indica eliminação, o que não parece ser o caso).

- 22 (*religiöse Gemüt*) – foi traduzida por “**ânimo**” (Pascal, 1939; e Giannotti, 1974), “**es-pírito**” (Dutra et al., 1965; Cartelle et al., 1965; e Castro e Costa, 2007), e “**sentimento**” (Molitor, 1937; Konder et al., 1963; Roces, 1972; Badia et al., 1975; Bermudo, 1975; Marx, 1975; Marx, 1976; Chagas, 1984; Bruni et al., 1986; Labica, 1987; Labica/Marques, 1990; Giannotti, 2000; Enderle et al., 2007; e Nebreda, 2011). As traduções por “ânimo”, “espírito” e “sentimento” parecem expressar aquilo que comumente se chama de religiosidade, na direção mesma da expressão da relação dos seres humanos com a religião. Não se optou pela tradução por religiosidade, pois se entende que se afastaria das intenções de Marx, que, ao que parece, estaria se referindo ao sentimento religioso em si.
- 23 (*Gattung*) – o termo foi traduzido como “espécie”, “classe” ou “gênero” no sentido de apresentar origem, ou propriedades comuns, ou semelhanças que caracterizam um grupo.
- 24 (*bürgerliche Gesellschaft*) – foi traduzido por “**sociedade civil**” (Roces, 1972; Giannotti, 1974; Badia et al., 1975; Chagas, 1984; Castro e Costa, 2007), “**sociedade burguesa**” (Enderle et al., 2007), e “**sociedade civil-burguesa**” (Giannotti, 2000). A palavra “*Gesellschaft*” é traduzida por “sociedade” (do latim *societas*), a qual, por sua vez, refere-se à companhia, associação, pessoas agrupadas, e, por extensão, aliança, união política, comunidade. Por sua vez, o termo “*bürgerliche*” diz respeito aos habitantes de um burgo (aldeia, povoação) e é deste sentido que vem a tradução por civil, na direção da vida política (se traduzem para o alemão a palavra latina “*civilis*” por “*bürgerlich*”, “*öffentlich*”, ou “*patriotisch*”). Como indica Pelczynski (apud. Ciotta, 2007, p.48), “[...] o ‘O que Hegel, na Filosofia do Direito, denomina ‘Sociedade Civil’ é a criação positiva do individualismo e o proclama especialmente como a façanha do mundo moderno. Representa o reconhecimento crescente pela comunidade que seus membros têm direitos e interesses legítimos também como particulares, como indivíduos privados, e não unicamente como membros de um dos tradicionais agrupamentos da comunidade. Isto significa também o reconhecimento de que os indivíduos tenham opiniões pessoais sobre um amplo campo de questões, que têm direito a representar e expressar livremente, inclusive no caso de que sejam diferentes às crenças e valores estabelecidos. Claro está que, para serem aceitáveis a um homem moderno, estes princípios tradicionais devem tomar a forma de convicções racionais, ainda que sejam subjetivos, ao mesmo tempo em que a eticidade deve aparecer aos indivíduos não como algo alheio e contrário a seus interesses particulares, senão como algo inextrincavelmente ligado a eles, e no qual seu interesse privado confia verdadeiramente em última instância”. Nesta direção, Löwy (2002,

p.169) sustenta que “[...] *bürgerliche Gessellschaft* é ao mesmo tempo a categoria da sociedade civil, isto é, um modo ‘individualista’ de encarar as relações sociais, e a sociedade burguesa, quer dizer, a sociedade capitalista onde a burguesia é, ou tende a tornar-se, a classe dominante. [...] a ‘sociedade civil’ é a ideologia da sociedade burguesa [...]”. Assim, aqui se optou pela tradução de “*bürgerliche Gesellschaft*” por “sociedade civil”.

- 25 Esta seria uma variação, como palavra de ordem, de outra tese anteriormente exposta na *Introdução à crítica da Filosofia do Direito de Hegel*: “em uma palavra: não se pode superar a filosofia sem realizá-la” (*Mit einem Worte: Ihr könnt die Philosophie nicht aufheben, ohne sie zu verwirklichen*).

## Referências bibliográficas

### Texto original

MARX, Karl. *Ad Feuerbach*. In: Karl Marx Friedrich Engels Gesamtausgabe (MEGA), Band IV, 3. Exzerpte – Notizen – Marginalien. Notizbuch aus den Jahren 1844-1847. p.19-21. Berlin: Akademie Verlag, 1998.

### Traduções cotejadas

- MARX, Karl. *Thèses sur Feuerbach*. In: Marx, K. *Oeuvres philosophiques, tome VI*. Traduit par J. Molitor. Paris: Alfred Costes, 1937.
- \_\_\_\_\_. *Theses on Feuerbach*. In: Marx, K.; Engels, F. *The german ideology*. Transl. R. Pascal. New York: New York International Publishers, 1939.
- \_\_\_\_\_. *Teses sobre Feuerbach*. In: Marx, K.; Engels, F. *Obras escolhidas, vol. 3*. Trad. Leandro Konder e Apolônio de Carvalho. Rio de Janeiro: Vitória, 1963.
- \_\_\_\_\_. *Thèses sur Feuerbach*. In: Marx, K.; Engels, F. *L’ideologie allemande*. Traduit par Renée Cartelle et Gilbert Badia. Paris: Éditions Sociales, 1965.
- \_\_\_\_\_. *Teses sobre Feuerbach*. In: Marx, K.; Engels, F. *A ideologia alemã e outros escritos*. Textos selecionados por Octavio Ianni, trad. Waltensir Dutra e Florestan Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.
- \_\_\_\_\_. *Thèses sur Feuerbach*. In: Marx, K.; Engels, F. *L’idéologie allemande*. Présentée et annotée par Gilbert Badia. Traduction de Henri Auger, Gilbert Badia, Jean Badia y Renée Cartelle. Paris: Éditions Sociales, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Tesis sobre Feuerbach*. In: Marx, K.; Engels, F. *La ideologia alemana*. Trad. Wenceslao Roces. Montevideo/Barcelona: Ediciones Pueblos Unidos/Ediciones Grijalbo, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Teses sobre Feuerbach*. In: Marx, K. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. Col. Os Pensadores. Trad. Giannotti, J. A. São Paulo: Abril, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Tesis sobre Feuerbach*. In: Bermudo, José Manuel. *El concepto de praxis em el joven Marx*. Trad. Bermudo, J. M. Barcelona: Editorial Península, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Tesis sobre Feuerbach*. In: Marx, K.; Engels, F. *Obras escogidas, tomo II*. Sem tradutor. Madrid: Ayuso, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Theses on Feuerbach*. In: Marx, K.; Engels, F. *The german ideology*. Sem tradutor. Moscow: Progress Publishers, 1976.

- MARX, Karl. *Teses sobre Feuerbach*. In: Marx, K.; Engels, F. Textos. Sem tradutor. São Paulo: Edições Sociais, 1977.
- . *Teses sobre Feuerbach*. In: Marx, K.; Engels, F. *Obras escolhidas*. Sem tradutor. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, s.d.
- . *Teses sobre Feuerbach*. In: Marx, K.; Engels, F. *A ideologia alemã e teses sobre Feuerbach*. Trad. Sílvio Donizete Chagas. São Paulo: Editora Moraes, 1984.
- . *Teses sobre Feuerbach*. In: Marx, K.; Engels, F. *A ideologia alemã (Feuerbach)*. Trad. José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec, 1986.
- . *Thèses sur Feuerbach*. In: Labica, G. *Karl Marx, Lês thèses sur Feuerbach*. Trad. Labica, G. Paris: Presses Universitaires de France, 1987.
- . *Teses sobre Feuerbach*. In: Labica, G. *As teses sobre Feuerbach de Karl Marx*. Trad. Arnaldo Marques; revisão técnica João Quartim de Moraes. Rio de Janeiro, Zahar, 1990.
- . *Teses sobre Feuerbach*. In: Giannotti, J. A. *Marx: vida e obra*. Trad. Giannotti, J. A. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2000.
- . *Teses sobre Feuerbach*. In: Marx, K.; Engels, F. *A ideologia alemã*. Prefácio Emir Sader. Trad. Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- . *Teses sobre Feuerbach*. In: Marx, K.; Engels, F. *A ideologia alemã*. Trad. Luiz Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- . *Teses sobre Feuerbach*. In: Nebreda, J. J. *Adiós a la filosofía: de la crítica roedora de los ratones a la labor de zapa del viejo topo*. Trad. Nebreda, J. J. Granada: Editorial Universidad de Granada, 2011.
- . *Teses sobre Feuerbach*. Trad. Chasin, J. In: <http://orientacaomarxista.blogspot.com/2009/06/escrito-na-primavera-de-1845-publicado.html>. Acesso em 19/11/2011.

### Referências bibliográficas

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad. Alfredo Bosi et al. Rio de Janeiro: Mestre Jou, 1982.
- BERMUDO, José Manuel. *El concepto de praxis en el joven Marx*. Trad. Bermudo, J. M. Barcelona: Editorial Península, 1975.
- BLOCH, Ernst. *Das Prinzip Hoffnung*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1959. (*O princípio esperança*. Trad. Nélio Schneider. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006).
- CAYGILL, Howard. *Dicionário Kant*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- ENGELS, F. *Ludwig Feuerbach und der Ausgang der klassischen deutschen Philosophie*. Berlin: Dietz, 1995. (primeira edição 1888).
- FÉDOSSÉEN, P.; et. al.. *Karl Marx: sa vie, son oeuvre*. Moscou: Editions du Progrès, 1978.
- FERRATER MORA, José. *Dicionário de filosofia*. Trad. Maria Stela Gonçalves et al. São Paulo: Loyola, 2000.
- FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Trad. Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- . *Princípios da filosofia do futuro*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988.

- GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. *Deutsches Wörterbuch*. In: <http://woerterbuchnetz.de/DWB/>.
- HEGEL, Georg W. F. *A fenomenologia do espírito*. Trad. Henrique Cláudio de Lima Vaz. São Paulo: Abril, 1974.
- INWOOD, Michael. *Dicionário Hegel*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Trad. Alexandre F. Morujão et al. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
- MARX, Karl. *Zur Kritik der Politischen Oekonomie*. In: Marx-Engels Werke, Band II, 12. Berlim: Akademie Verlag, 2005 (primeira edição de 1859).
- LABICA, George *Karl Marx, Les thèses sur Feuerbach*. Paris: Presses Universitaires de France, 1987.
- . *As teses sobre Feuerbach de Karl Marx*. Trad. Arnaldo Marques; revisão técnica João Quartim de Moraes. Rio de Janeiro, Zahar, 1990.
- LÖWY, Michael. *A teoria da revolução no jovem Marx*. Trad. Anderson Gonçalves. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MARSHALL, Berman. Tudo o que é sólido desmancha no ar. Trad. Carlos Felipe Moisés et al. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- MATA, Sérgio da. Religião e modernidade em Ernst Troeltsch. In: *Tempo Social*, vol. 20, n.2, São Paulo, nov. 2008, p.235-255, ISSN 0103-2070.
- PLATÃO. *A república*. Trad. J Guinsburg. São Paulo: Difel, 1965.
- REALE, Giovanni. *História da filosofia antiga, 5 vol.* Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1993.
- RENAULT, Emmanuel. *Le vocabulaire de Marx*. Paris: Ellipses, 2001.
- RITTER, Joachim; GRÜNDER, Karlfried; GABRIEL, Gottfried (eds.). *Historisches Wörterbuch der Philosophie, Band 1 – 13*. Berlim: Schwabe, 2005.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

# CRÍTICA marxista

**A origem da noção de ontologia de Lukács**  
Nicolas Tertulian

**O espaço político em Marx**  
Adriano Codato

**Classe operária e classes médias**  
John Milios e George Economakis

**Marxismo e movimentos sociais**  
Andréia Galvão

**O PCB e o governo nacionalista e democrático**  
Anita Leocádia Prestes

# 32

attention on the reforms of 1861 and 1906 and its consequences for the peasant village (*mir*) and the agrarian class struggle.

*Keywords:* Serfdom, Peasant village, Colonization land, Agrarian reform.

## Questões filosóficas decorrentes das traduções das *Teses sobre Feuerbach*

SÍLVIO CÉSAR MORAL MARQUES

*Resumo:* Analisando-se as diferentes traduções das *Teses sobre Feuerbach* são evidenciados problemas filosóficos. Assim, esse trabalho procura expor as questões que estão atreladas a tais escolhas, cotejando 22 diferentes traduções. Para tanto, selecionaram-se 25 termos considerados centrais na compreensão do texto, estudados segundo sua etimologia e implicações filosóficas, sublinhando aspectos nem sempre levados em conta nos estudos da obra de Marx.

*Palavras-Chave:* Teses sobre Feuerbach, Terminologia de Marx, Questões filosóficas.

*Abstract:* Analyzing different translations of *Theses on Feuerbach*, some philosophical problems emerge. Thus, the study aims to show these questions by comparing twenty two different translations (twelve in Portuguese, two in English, four in French, and four in Spanish). In this sense, were selected twenty five terms considered essential to understand the text, which was analyzed according to its etymology and philosophical implications, with no intention to exhaust others interpretations, but emphasizing some aspects not always taken into account on studies regarding Marx's writings.

*Keywords:* Theses on Feuerbach, Marx's terminology, Philosophical issues.